

Multiplicidade de referência: um estudo da expressão pronominal ‘a gente’

Profa. Dra. Ana Lima¹ (UFPE)

Resumo:

Com base nas idéias introduzidas por Frege (s/d) sobre o sentido e a referência, este trabalho pretende discutir o processo de compreensão textual em situações nas quais ocorre a multiplicidade de referência. Para exemplificar o fenômeno em discussão, será enfocada, na análise, a expressão ‘a gente’, quando em função pronominal.

Palavras-chave: compreensão textual, referência, ‘a gente’

Abstract:

Based on Frege's ideas (s/d) about 'meaning' and 'reference', this work aims to discuss the comprehension process of those texts in which the phenomenon of 'multiplicity of reference' occurs. In order to deepen the understanding of this phenomenon, we will focus the analysis on the form 'a gente', when it functions as a pronoun.

Keywords: text comprehension, reference, ‘a gente’

Introdução

Ao estabelecer a relação existente entre o que chama de “sinal”, “sentido” e “referência”, Frege (s/d) defende que

ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido corresponde uma referência determinada, enquanto que a uma referência (a um objeto) não deve pertencer apenas um único sinal. (FREGE, s/d. p.62)

Com essa afirmação, Frege revela uma concepção de linguagem que a considera como uma atividade de “etiquetagem” de um mundo existente e indicialmente designado. Os estudos lingüísticos atuais, entretanto, encaminham-nos

para outra direção: a de que a linguagem, ao invés de espelhar a realidade, é, antes, uma construção da relação do indivíduo com essa mesma realidade.

Na tentativa de fazer 'caber' os fenômenos lingüísticos na lógica matemática que costumava operar, Frege estabelece uma relação entre "sinal" e "referência" de modo que cada "sinal" designa uma só "referência" ["por meio de um sinal exprimimos seu sentido e designamos sua referência." (p.66)]. No entanto, como sabemos, essa suposta biunivocidade nem sempre pode ser confirmada na realidade do discurso, em que muitas vezes ocorre o fenômeno da **multiplicidade de referência**.

Partindo das idéias de Frege (s/d), este trabalho pretende discutir o processo de compreensão textual em situações nas quais ocorre a multiplicidade de referência. Para exemplificar e aprofundar as idéias que serão aqui expostas, será enfocada, na análise, a expressão 'a gente', quando em função pronominal, seleção que se justifica por dois motivos: em primeiro lugar, porque essa expressão se presta para o levantamento de várias outras questões bastante relevantes, principalmente para os que se interessam pela dêixis pronominal; em segundo lugar, porque, embora seja uma expressão cujo uso é cada vez mais freqüente no português do Brasil, coocorrendo e competindo com a forma 'nós', as pesquisas que há acerca de seu funcionamento poucas vezes a relacionam com a questão da referência.

Algumas considerações teóricas sobre a referência

Em Lingüística, o termo **referência** tem sido usado com diferentes acepções, e engloba reflexões tanto semânticas quanto filosóficas. Serão, aqui, mencionadas sucintamente três dessas acepções:

- (1) com muita clarividência, Frege (s/d.) faz a distinção entre *sentido* e *referência*, e postula que a referência "é aquilo que é designado por um sinal", ou seja, é uma relação de um vocábulo com o que por ele é designado, enquanto que o sentido diz respeito "ao modo de apresentação do objeto";
- (2) Halliday & Hasan (1976), preocupados com as relações de sentido existentes no interior do texto, por eles designadas como "coesão", tratam



a referência (que para eles pode ser pessoal, demonstrativa ou comparativa) como um dos mecanismos de coesão. Esclarecem que “são elementos de referência os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação.” (*apud* Koch, 1993, p.20). Para os referidos autores, a referência pode ser situacional (exofórica) ou textual (endofórica);

- (3) na esteira de Mondada & Dubois (1995), Koch & Marcuschi (1998) afirmam que “a referenciação é um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes”. Para esses autores, “referir é uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso e não realidades independentes.” Distinguem, então, entre “referentes mundanos”, que seriam os objetos do mundo, e os “objetos-de-discurso”, que, segundo os autores, não preexistem ao discurso como tal, mas são construídos no seu interior. São estes objetos que os itens lexicais vão designar e não propriamente algo que esteja fora da mente, isto é, algo mundano. (KOCH e MARCUSCHI, 1998).

Percebe-se, claramente, que são três abordagens distintas, oriundas de três também distintas concepções de linguagem, e elaboradas a partir de interesses diferentes. *Grosso modo*, podemos dizer que a noção de referência é aludida quando se quer dar conta de basicamente duas relações bem distintas:

- (1) a da linguagem com a realidade extralingüística;
- (2) a de um componente de superfície com outro do universo textual, no interior de um texto;

Antunes (1996), entendendo a diferença entre essas relações, chama a primeira de *referência extralingüística*, e a segunda de *referência lingüística*.

A referência e o sistema pronominal

É bastante ampla a literatura publicada sobre a classe dos pronomes, com abordagens as mais variadas e enfoques diversos. Uma das questões mais interessantes é a discussão sobre a autonomia semântica dos itens dessa classe, ou seja, questiona-se se os pronomes teriam ou não um conteúdo significativo.

Autores que os percebem sempre em comparação com a classe dos nomes, defendem geralmente que estes, sendo **símbolos**, funcionam para designar ou representar os seres, enquanto aqueles, sendo **índices** (ou sinais), prestam-se a

indicar. Outros autores, entretanto, consideram que os pronomes têm, sim, um significado. As pesquisas desses autores, então, objetivam geralmente descobrir que significado é esse, e a resposta aparece normalmente associada à função que esses elementos desempenham no discurso.

Ilari et al. (1996:88), por exemplo, consideram que “a função típica dos pronomes, certamente responsável pela qualificação de “pessoais”, é a de constituir expressões referenciais que representam na estrutura formal dos enunciados os interlocutores responsáveis pela enunciação.”

É consensual, atualmente, a idéia de que para alguns vocábulos o ponto de referência não é fixo, principalmente porque “as coordenadas de espaço e tempo são sempre relativas e mudam em função da perspectiva que se toma” (Monteiro, 1994:48). Isso também ocorre com a classe dos pronomes: seu significado é constante; o que varia, conforme a situação, é a sua **referência**.

Podemos ilustrar essa afirmação anterior tomando emprestado um exemplo de Monteiro (op.cit.:42): “*eu*, por exemplo, designa o falante numa situação comunicativa (o locutor). O que varia conforme a situação é o referente de tal pronome: *eu* pode ser qualquer pessoa que esteja falando”.

Em seu estudo sobre a dêixis, Lahud (1979) chega à mesma conclusão, e estende-a a todos os dêiticos. Diz ele:

A caracterização dos dêiticos a que chegamos, seguindo a esteira de Frege, é, pois: são palavras que, embora tenham uma significação constante, mudam, sistematicamente, de referência conforme as mudanças nas “condições de sua elocução.” (LAHUD, 1979, p.68)

Esse autor acrescenta, ainda, que “o referente de um dêitico é um lugar vazio que pode ser ocupado por todos os particulares capazes de estabelecer com o ato de fala a relação significada pelo dêitico em questão.”

Sabe-se que os pronomes de 1ª e 2ª pessoas são, por excelência, vocábulos dêiticos, funcionando como indicadores dos participantes de um ato de fala: “**eu** se define em termos de elocução e se identifica pelo discurso que o contém; **tu** só existe



em relação ao **eu** que o designa.” A questão se torna ainda mais complexa para as formas de plural, porque sua referência envolve uma forma de singular [*eu* ou *tu*] somada a outra(s) que podem ser de singular [*eu + tu / eu + ele(a) / eu + tu + ele(a) / tu + ele(a)*] ou de plural [*eu + eles(as) / tu + eles(as)*].

É nesse quadro que entra a forma *a gente*, que será aqui analisada com maior profundidade.

Multiplicidade de referentes: o caso de ‘a gente’

Para mostrar a complexidade na referência da expressão pronominal ‘a gente’, vamos começar usando um fragmento que nos parece muito ilustrativo da questão em análise. É parte do inquérito 328 (DID), do NURC-RJ, que tomamos emprestado de Marcuschi e Koch (1998:2). Ao ser indagada sobre as frutas que mais comia, a locutora responde da seguinte maneira:

- | | |
|------|---|
| (01) | Loc.- eu gosto mais de laranja... eu gosto de qualquer tipo |
| (02) | de fruta... mas como muita laranja... / .../ essas frutas assim |
| (03) | que são mais conhecidas aqui no Rio... porque engraçado |
| (04) | que... <u>quando a gente viaja...</u> a gente observa que as frutas |
| (05) | de outros estados são totalmente diferentes... coisas até |
| (06) | bastante deco/ desconhecidas... com nomes estranhíssimos e |
| (07) | os que nós temos aqui têm nomes diferentes na/ noutras |
| (08) | regiões... né? como... por exemplo... <u>no norte...</u> eles têm |
| (09) | assim uma variedade de frutas imensa... mas não são muitas |
| (10) | frutas... / .../ no Amazonas por exemplo... que nós estivemos |
| (11) | <u>em Manaus...</u> ah... nós passamos uma tarde num... num |
| (12) | lugar onde eles serviram uma refeição e depois era só |
| (13) | frutas... mas frutas que realmente nunca havia visto / .../ |
| (14) | completamente diferentes daquelas que nós estamos |
| (15) | <u>acostumadas</u> aqui no Rio / .../ o norte principalmente na |
| (16) | Amazonas e no Pará... a influência indígena sobre a |
| (17) | alimentação é muito grande... eles comem muitas coisas |
| (18) | todas assim / .../ o Amazonas é impressionante o número de |
| (19) | frutas e frutas assim tudo duro... tipo assim cajá-manga... |
| (20) | eles têm muita coisa assim / .../ é gozado como a gente sente |
| (21) | essa diferença... lá lá a gente não comia fruta... a banana é |
| (22) | uma banana tão grande que <u>não dá pra você comer</u> uma |
| (23) | inteira... <u>o que a gente</u> chama de banana aqui... a banana |
| (24) | deles lá é uma coisa imensa... aqui no Rio tinha uma espécie |
| (25) | de banana parecida... parece que se não me engano era |
| (26) | banana-figo que eles chamam aqui no Rio... mas ainda lá é |
| (27) | muito maior que a banana-figo / .../ |

Estão destacados, no texto acima, todos os trechos em que a locutora faz uso de pronomes (na posição de sujeito). Deixando de lado as outras formas, que fogem aos objetivos deste trabalho, concentremo-nos nas formas de 1ª pessoa plural.

Tentando recuperar os referentes das formas de 1ª pessoa do plural empregadas pela locutora, podemos traçar o seguinte quadro:

FORMA EMPREGADA NO TEXTO	REFERENTE
Quando a gente viaja... a gente observa (linha 4)	a gente = todos os que viajam
no Amazonas por exemplo... que nós estivemos em Manaus (linhas 10-11)	nós = a locutora + familiares
os que nós temos aqui têm nomes diferentes (linha 7)	nós = os cariocas
Nós passamos uma tarde num... num lugar onde eles serviram uma refeição (linhas 11-12)	nós = a locutora + os que com ela viajaram
Frutas que realmente nunca havia visto /.../ completamente diferentes daquelas que nós estamos acostumadas aqui no Rio (linhas 13-15)	nós = as pessoas do Rio de Janeiro
é gozado como a gente sente essa diferença... (linhas 20-21)	a gente = todas as pessoas que passam por essa experiência
lá lá a gente não comia fruta... (linha 21)	a gente = a locutora + as pessoas que estavam com ela
o que a gente chama de banana aqui... a banana deles lá é uma coisa imensa... (linhas 23-24)	a gente = as pessoas do Rio de Janeiro

Nota-se que a referência dessas formas pronominais, além de não ser sempre explícita na superfície textual, não é a mesma em todos os atos de fala. Apesar dessas duas características, percebemos que a coerência do texto ainda se mantém.

Em relação à expressão 'a gente', Silva & Faccio (1981) chamam-na de "substituto", e afirmam que

a gente foi incluído entre os pronomes pessoais por ser regularmente encontrado na fala coloquial, ora se aproximando da significação do *nós*, ora indeterminado, ou ainda em alguns casos funcionando como um plural de modéstia. (SILVA e FACCIO, 1981, p.204)

Ilari et al. (1996) compartilham de opinião semelhante, e encontram para a 1ª pessoa plural (*nós* ou *a gente*) as seguintes funções:



*afora um tipo de emprego em que um indivíduo institui sua fala como a de um grupo, mas nele não inclui nem a segunda nem a terceira pessoa (plural de modéstia) o pronome **nós** constitui tipicamente a soma de **eu** + **não-eu**. O **não-eu** pode corresponder a uma segunda ou a uma terceira pessoa, ou a ambas conjuntamente, que por sua vez, podem ser ou singulares ou plurais. (ILARI et. al., 1996, p.94-95)*

Percebemos, no entanto, que essas caracterizações não são suficientes para dar conta do funcionamento da expressão *a gente*, e da multiplicidade de suas referências.

O que torna a questão ainda mais intrigante é que essa expressão não apareceu inicialmente na língua como forma pronominal. No entanto, ao ser incorporada na classe dos pronomes, adotou, em relação à referência, as mesmas características da forma coocorrente *nós*.

Se aceitarmos a afirmação de Frege (*op.cit.*, p.64) de que “ao usar palavras, pretendemos falar de sua **referência**” podemos também afirmar que ao usarmos a expressão *a gente* como forma pronominal queremos designar a sua referência, e não o seu significado. Mas que referência, se essa expressão pode ter várias?

Colocando a questão a partir da perspectiva do interlocutor: durante a interação, ao nos depararmos com uma forma de múltiplos referentes como *a gente*, como sabemos a que é que o falante se refere se ele não explicita lingüisticamente (cotextualmente) o referente?

Uma convincente resposta para essa questão encontramos em Ilari et al. (*op.cit.*). Dizem os autores:

(...) essa multiplicidade de referenciação não implica, em geral, ambigüidade, e nem mesmo vagueza, já que o contexto costuma fornecer as informações necessárias à recuperação dos referentes. (ILARI et. al., 1996, p.96).

Fica, então, para o “contexto”, qualquer que seja a extensão que essa palavra recubra, o papel de guiar o interlocutor no sentido de fazê-lo compreender e interpretar a referência da expressão *a gente*. Os autores citados acima reconhecem, no entanto, que “há casos em que é possível mais de uma interpretação”. Nesses casos, o interlocutor fica com duas ou mais possibilidades, e ainda assim o texto não

deixa de ser compreendido, o que indica que nossa compreensão de um texto não é exatamente função de nossa compreensão de suas partes.

Para que um texto seja coerente, então, nem sempre é necessário que cada mínima parte dele seja pontualmente coerente, o que sugere que a compreensão/interpretação se dá numa perspectiva macro, e não numa perspectiva microtextual.

Analisando a referência dos nomes e dos sintagmas nominais, Koch (1993:30-31) afirma que “os referentes vão incorporando traços que lhes vão sendo agregados à medida que o texto se desenvolve”. Não é exatamente o mesmo que ocorre com a expressão *a gente*, mas, na esteira de Blanche-Benveniste, podemos dizer que o referente dessa expressão “se constrói no desenrolar do texto”, ou seja, “o referente é algo que se (re)constrói textualmente”.

Conclusão

Este trabalho discutiu a idéia lançada por Frege de que a cada sinal corresponde uma referência. No caso de *a gente* como forma pronominal, o que se constata no discurso é que a expressão apresenta uma multiplicidade de referentes, o que requer do interlocutor um trabalho permanente para recuperar esses referentes, atividade que só pode ser realizada a partir de dados contextuais.

Podemos concluir, então, que é esse trabalho de recuperação de referentes, por parte do interlocutor, que, em última análise, garante a coerência do texto.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, I. C. (1996). **Aspectos da Coesão do Texto**. Recife: Ed. da UFPE.

FREGE, G. (s/d) *Sobre o sentido e a referência*. In: Alcoforado, P. (org.) **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix.



HALLIDAY, M. & HASAN, R. (1976) **Cohesion in English**. London/New York: Longman.

ILARI, R.; FRANCHI, C.; NEVES, M. H. de M. & POSSENTI, S. (1996). *Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise*. In: Castilho, A.T. & Basílio, M. (orgs.). **Gramática do Português Falado**. Vol. IV: Estudos Descritivos. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, pp. 79-166.

KOCH, I.V. (1993). **A Coesão Textual**. 6ª ed. São Paulo: Contexto.

KOCH, I. V. & MARCUSCHI, L. A. (1998). *Processos de referenciação na produção discursiva*. (Mímeo).

LAHUD, M. (1979). **A Propósito da Noção de Dêixis**. São Paulo: Ática.

MONTEIRO, J. L. (1994). **Pronomes Pessoais**. Fortaleza: Editora da UFC.

SILVA, W. & FACCIO, L. (1981). *O pronome pessoal na norma urbana culta de São Paulo*. In: **Estudos Lingüísticos. Anais do Seminário do GEL**, Vol. 4, Araraquara, pp. 198-221.

Nota:

Autora:

¹ **Ana Lima, Dra.**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Departamento de Letras

jalaraujolima@uol.com.br